

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

GUSTAVO TESSARO

**UM ESTADO E DUAS REALIDADES: UMA APRECIÇÃO DO
DESENVOLVIMENTO DOS COREDES SERRA E SUL DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL À LUZ DA TEORIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

São Leopoldo (RS)

2019

GUSTAVO TESSARO

UM ESTADO E DUAS REALIDADES: UMA APRECIÇÃO DO
DESENVOLVIMENTO DOS COREDES SERRA E SUL DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL À LUZ DA TEORIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Econômicas da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS.
Orientadora: Angélica Massuquetti

São Leopoldo (RS)

2019

Dedico este trabalho à minha família, que esteve comigo em todos os momentos da minha vida, e às pessoas que estiveram comigo em todos estes anos e, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui e ser quem sou.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família e aos amigos próximos, que sempre estiveram ao meu lado me dando apoio e toda a ajuda necessária para chegar até aqui. Na vida não conseguimos nada sozinhos e eu tenho a sorte de ter pessoas excepcionais ao meu lado, sempre presentes nos momentos de alegria e de tristeza.

Agradeço aos colegas e professores da graduação por todos os momentos de aprendizagem e trocas de conhecimentos. Em diversos momentos foram fundamentais para a continuidade e o avanço do curso. Deixo aqui meu agradecimento especial à minha professora e orientadora do trabalho de conclusão de curso, Angélica Massuquetti, que além de uma excelente professora e orientadora, se mostrou uma ótima pessoa, me ajudando nos momentos mais críticos, sempre dando um voto de confiança e incentivo a continuar.

Por fim, gostaria de agradecer a parceria dos colegas Raniéri Mansur Plain e Samanta Jacobus na pesquisa sobre o desenvolvimento no Rio Grande do Sul, resultando na apresentação do artigo “Rio Grande do Sul – ‘os dois estados’: um estudo dos COREDES Serra e Sul”, no VIII Seminário Observatórios Democracia, Desigualdades e Políticas Públicas, realizado em Porto Alegre, em outubro de 2018.

RESUMO

O objetivo do estudo, à luz das teorias do desenvolvimento regional, é analisar o desenvolvimento desigual entre as regiões do Rio Grande do Sul. Valendo-se de um estudo do tipo comparativo, são analisados os COREDES Serra e Sul, pois se entende que os mesmos são representativos das suas respectivas regiões e representam esse desenvolvimento desigual, que é o objeto desta pesquisa. Empregou-se, nesta análise, índices e indicadores socioeconômicos no período 2000-2015. A partir do diálogo entre a teoria econômica e a realidade dos COREDES Serra e Sul, pode-se observar uma continuidade nos níveis de desenvolvimento dos Conselhos e a diferença entre eles. Fatores como uma maior industrialização e a agricultura familiar, presentes no Conselho Serra, influenciam para uma maior distribuição da renda e melhores índices/indicadores de desenvolvimento. Enquanto no Conselho Sul, a concentração de renda causada pelos grandes latifúndios e uma indústria voltada, basicamente, para atender às necessidades da agricultura de grande escala, causam, além de índices/indicadores de desenvolvimento menores, a falta de uma perspectiva de melhora para o futuro.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional; COREDE Serra; COREDE Sul.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - RFPs e COREDEs do Rio Grande do Sul..... | 19 |
| Quadro 1 - Síntese dos estudos empíricos | 16 |
| Quadro 2 - Síntese da área de estudo | 19 |
| Quadro 3 - Idese: blocos, sub-blocos e indicadores..... | 21 |
| Tabela 1 - Idese dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2007/2015 | 24 |
| Tabela 2 - PIB, PIB <i>per capita</i> e VAB dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2015..... | 29 |
| Tabela 3 - Índice de Gini dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2000/2010 | 32 |
| Tabela 4 - IBEU dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2013..... | 34 |

LISTA DE SIGLAS

COREDEs: Conselhos Regionais de Desenvolvimento

FEE: Fundação de Economia e Estatística

IBEU: Índice de Bem-Estar Urbano

Idese: Índice de Desenvolvimento Socioeconômico

PIB: Produto Interno Bruto

RFPs: Regiões Funcionais de Planejamento

RMPA: Região Metropolitana de Porto Alegre

RMSG: Região Metropolitana da Serra Gaúcha

TBMP: Taxa bruta de mortalidade padronizada

TMM5: Taxa de mortalidade de menores de cinco anos

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 ASPECTOS TEÓRICOS E HISTÓRICOS SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL | 10 |
| 2.1 TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL | 10 |
| 2.2 RIO GRANDE DO SUL: FORMAÇÃO HISTÓRICA E DESIGUALDADE REGIONAL..... | 13 |
| 3 METODOLOGIA | 18 |
| 3.1 DIVISÕES TERRITORIAIS DO ESTADO E REGIÕES DE ESTUDO | 18 |
| 3.2 ÍNDICES E INDICADORES SOCIOECONÔMICOS | 20 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 23 |
| 4.1 DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO..... | 23 |
| 4.2 PIB, PIB <i>PER CAPITA</i> E VAB | 28 |
| 4.3 DISTRIBUIÇÃO DE RENDA | 31 |
| 4.4 BEM-ESTAR URBANO | 34 |
| 5 CONCLUSÕES | 37 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 39 |

1 INTRODUÇÃO

A atividade econômica não está distribuída aleatoriamente no território. As teorias de desenvolvimento regional mostram que há uma tendência de aglomeração da atividade econômica, principalmente de atividades que envolvem investimento, capital humano e inovação, em um reduzido número de locais. Isso leva a uma relação direta entre urbanização e renda *per capita* e a mesma vai atrair mais investimento e força de trabalho, o que aumenta a desigualdade no desenvolvimento regional (DAL PIZZOL; MASSUQUETTI, 2014).

Assim, o processo de desenvolvimento varia entre diferentes regiões. No caso do Brasil, pode-se observar essa variação, principalmente, a partir de três aspectos: políticas públicas de incentivos fiscais para investimentos produtivos; ampliação de novas tecnologias de produção para uma reestruturação dos processos produtivos; e alterações na demanda efetiva (TARGA, 2010).

Em relação ao Rio Grande do Sul, seu crescimento econômico tem sido impulsionado pela exportação de *commodities* produzidas na região sul do estado e também pelos polos industriais localizados, principalmente, na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) e na Região Metropolitana da Serra Gaúcha (RMSG). Há, no entanto, uma diferença no desenvolvimento entre as regiões mais localizada ao Sul e ao Norte-Nordeste do estado.

Assim, o objetivo deste estudo, à luz das teorias do desenvolvimento regional, é analisar o desenvolvimento desigual entre as regiões do Rio Grande do Sul. Valendo-se de um estudo do tipo comparativo, são analisados os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs) Sul e Serra, pois se entende que os mesmos são representativos das suas respectivas regiões e representam esse desenvolvimento desigual, que é o objeto desta pesquisa.

No que se refere ao Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese), calculado pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), essas regiões apresentam distinção em suas dimensões de desenvolvimento, como educação, renda e saúde. O Idese de 2015 revelou que o COREDE Serra apenas não está entre os três melhores do estado na dimensão educação, sendo que era o 5º (0,748) e tem o segundo melhor Idese Geral (0,816) do estado. Já o COREDE Sul aparece

entre os piores em todas as dimensões, sendo que a região apresenta o segundo pior Idese Geral (0,687) do estado (FEE, 2019).

Como o COREDE Serra é uma região mais industrializada e o COREDE Sul é uma região mais voltada para a agropecuária extensiva, as teorias de desenvolvimento regional são empregadas para compreender as diferenças de desenvolvimento entre as mesmas. Assim, o estudo está dividido em cinco capítulos, considerando esta Introdução. No segundo capítulo são abordadas as teorias de desenvolvimento regional e é descrito o contexto histórico de formação do estado do Rio Grande do Sul, tendo como centro da análise as regiões da localização dos COREDES Serra e Sul. No terceiro capítulo são descritos os procedimentos metodológicos e, no quarto capítulo, são analisados os resultados do estudo. Por fim, as conclusões estão presentes no quinto capítulo.

2 ASPECTOS TEÓRICOS E HISTÓRICOS SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Neste capítulo, inicialmente, são apresentadas as teorias de desenvolvimento regional. Num segundo momento, analisa-se o contexto histórico de formação do estado do Rio Grande do Sul, com ênfase nos COREDEs Serra e Sul.

2.1 TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Não há um registro definitivo de qual autor teria sido o primeiro a tratar do agrupamento de fatores como condição da aglomeração da atividade econômica. Muitos autores, inclusive Krugman (1998), alegam que *Alfred Marshall* (1842-1924) foi o precursor neste assunto. Marshall (1982) tratou da economia de aglomeração ou da economia externa e estabeleceu três fatores que favorecem esse tipo de formação: mão-de-obra qualificada, facilidade de insumos e serviços próximos e constante difusão de conhecimento para melhorias na produção ou novas tecnologias. Mais tarde, Fujita e Thiesse (2002) confirmaram o argumento deste autor e complementaram, afirmando que quando uma indústria se instala em um local, ela tende a ficar por muito tempo, pois as vantagens da economia de aglomeração tendem a aumentar com o tempo.

Na origem do estudo de Marshall (1982) foi tratado, além da economia de escala interna à firma, também as externalidades decorrentes das relações entre firmas que se situam próximas umas das outras. Esse pensamento é visto no trecho retirado de sua obra:

Muitas das economias na utilização de mão-de-obra e maquinaria especializada não dependem do tamanho das fábricas individuais. Algumas dependem do mesmo gênero de fábricas na vizinhança; enquanto outras, especialmente relacionadas com o adiantamento da ciência e o progresso das artes, dependem principalmente do volume global de produção em todo o mundo civilizado (MARSHALL, 1982, p. 29).

Pode-se considerar, a partir da teoria de *Alfred Marshall*, segundo Krugman (1998), duas externalidades pecuniárias (envolvendo custos) e uma externalidade

tecnológica. Essencialmente, são a possibilidade exercida por um grande mercado local de possibilitar a existência de fornecedores de insumos com eficiência de escala, vantagens oriundas da oferta abundante de mão-de-obra, e trocas de informações que ocorrem entre empresas quando elas se aglomeram.

Weber (1957), entre outros autores, também estudou a influência da aglomeração dos meios de produção e da atividade produtiva sobre o desenvolvimento econômico. Para esse autor, a aglomeração espacial da região seria um ponto fundamental na escolha da localização da firma.

Apesar dos benefícios de a aglomeração dos fatores de produção serem abordados desde o final do século XIX, foi apenas por volta de 1950 que outros autores passaram a tratar do assunto com essa denominação. Perroux (1977), Myrdal (1960) e Hirschman (1961), com suas teorias dos polos de crescimento, da causação circular cumulativa e do efeito para frente e para trás, respectivamente, aprofundaram o estudo do desenvolvimento regional e de suas consequências.

O economista francês *François Perroux*, com seu conceito de polos de crescimento, propôs que uma região se desenvolve com duas forças: motriz e movida. A força motriz tem como pressuposto a capacidade de aumentar as atividades dos demais integrantes da região e as forças movidas são as atividades que têm suas vendas e compras aumentadas devido às forças motrizes. Partindo destes conceitos, o autor alegou que o desenvolvimento não ocorre de maneira uniforme no espaço, mas “[...] manifesta-se em pontos ou polos de crescimento com intensidades variáveis, expande-se por diversos canais e com efeitos finais variáveis sobre toda a economia” (PERROUX, 1977, p. 146).

Perroux (1977) afirmou que as indústrias motrizes polarizam o desenvolvimento regional por quatro formas diferentes: técnica, econômica, psicológica e geográfica. A polarização técnica diz respeito aos efeitos da ligação entre a indústria motriz e outras empresas. A polarização econômica se dá devido à geração de emprego e renda em função da implantação da indústria motriz. O sucesso da indústria motriz irá gerar um otimismo na sociedade, que acarretará em mais investimentos, formando a polarização psicológica. E, ainda, a polarização geográfica reflete o desenvolvimento do sistema urbano e da cidade onde está localizada a indústria motriz. Com essas definições, o autor mostrou a contribuição da indústria motriz não só diretamente para o crescimento geral do produto, mas

também induzindo o crescimento no ambiente em que está instalada devido às relações que estabelece com as indústrias movidas. O autor ainda afirmou que um polo industrial complexo é capaz de modificar seu “[...] meio geográfico imediato” e, ainda, “[...] a estrutura inteira da economia nacional em que estiver situado”, visto que se registram “[...] efeitos de intensificação das atividades econômicas” (PERROUX, 1955, p.154) pelo fato do surgimento e encadeamento de novas necessidades na sociedade.

Myrdal (1960) afirmou que economias regionais tendem a divergir com o passar do tempo. De acordo com o autor, isso se dá devido às forças do mercado que fariam duas regiões se desenvolverem de formas distintas. Ele ainda asseverou que há uma inter-relação de causa e efeito circular nos fatores de desenvolvimento, assim, os resultados do mesmo provocariam um ambiente propício para novos e maiores desenvolvimentos. A hipótese de causação circular cumulativa de Myrdal (1960, p.39) revela que “[...] o jogo das forças de mercado opera no sentido da desigualdade”.

Como pressuposto para o modelo de Myrdal (1960), imagina-se um crescimento em uma determinada região de forma acima do normal. Após esse crescimento, os recursos produtivos (capital, trabalho e espírito empreendedor) da região seriam “despertados” e ainda atrairiam recursos de outras regiões. O mercado dessa região seria ampliado e geraria um novo ciclo de investimentos, aumentando ainda mais o seu desenvolvimento em detrimento também dos fatores produtivos de outras regiões: a chamada migração seletiva. Neste caso, a região com maior desenvolvimento atrairia pessoas com maior poder empreendedor das outras regiões, restando para elas apenas as pessoas e os meios de produção menos produtivos, o que elevaria as distorções entre as regiões.

O autor ainda destacou mecanismos ligados ao setor público como influenciadores no desenvolvimento regional desigual. Do ponto de vista tributário, uma região com maior industrialização e maior renda permitiria ao governo aderir a menores taxas de tributação, enquanto em regiões com menor desenvolvimento o governo seria levado a aumentar impostos a fim de elevar sua receita, o que afastaria novos investimentos. Outro ponto refere-se aos serviços públicos, pois uma região mais desenvolvida teria melhores serviços públicos (educação, saúde etc.) do que a menos desenvolvida, atraindo mais pessoas para si.

Por fim, Hirschman (1961) destacou a importância dos desequilíbrios, onde o desenvolvimento econômico se daria após uma sequência de desajustes. O desequilíbrio seria a forma de as regiões de periferia potencializarem seus recursos escassos. Imaginando que as áreas seriam complementares, a região de menor desenvolvimento poderia melhorar a sua situação por meio das exportações para a região mais desenvolvida.

Segundo Krugman (1998), tanto Myrdal (1960) quanto Hirschman (1961) tratam do conceito de economias de escala para viabilizar os investimentos em regiões determinadas. Para explicar o desenvolvimento regional, Hirschman (1961) usou o conceito de efeito para frente (*forward linkages*) e para trás (*backward linkages*), onde os efeitos para trás são a forma que o autor usou para demonstrar as externalidades causadas pelo aumento de demanda nas áreas menos desenvolvidas, viabilizando suas escalas mínimas de produção devido à implantação de indústrias na região mais desenvolvida. Já os efeitos para frente seriam o resultado dessa oferta de insumos, que tornaria possível os setores se desenvolverem juntos.

As teorias de desenvolvimento regional mostram, portanto, que há uma relação direta entre a concentração de fatores de produção e o desenvolvimento da região. Em síntese, uma região com determinado nível de desenvolvimento vai atrair para si mais fatores de produção, causando um efeito contínuo de desenvolvimento em detrimento de outras regiões próximas a ela. Ao mesmo tempo, a região mais desenvolvida não pode produzir tudo e, portanto, alguns produtos são produzidos pelas demais regiões devido aos fatores históricos ou geográficos que às tornam competitivas, apesar de menos desenvolvidas.

2.2 RIO GRANDE DO SUL: FORMAÇÃO HISTÓRICA E DESIGUALDADE REGIONAL

O Rio Grande do Sul apresenta, historicamente, distinto desenvolvimento entre suas regiões. Desde sua formação, nota-se que o Norte-Nordeste do estado, caracterizado por setores industrializados, apresenta resultados socioeconômicos melhores do que o Sul, economicamente caracterizado pelo setor primário. Essa

diferença vem causando distorções no desenvolvimento das microrregiões do estado. Assim, a abordagem do desenvolvimento regional pode servir como matriz explicativa para compreender a realidade do estado do Rio Grande do Sul.

Desde o período colonial, mesmo sem uma demarcação territorial definida – havia uma disputa incessante entre Portugal e Espanha pela faixa de terra que hoje abrange o Rio Grande do Sul, parte da Argentina e Uruguai –, já se via uma tendência para o setor primário no estado. A principal atividade econômica do estado na época era a criação de gado e basicamente estava localizada na região Sul e na Campanha, devido às suas condições geográficas favoráveis. Neste período, sobretudo entre os séculos XVII e XVIII, a sociedade gaúcha era dividida de maneira simples, com uma elite de militares (presentes nas disputas ibéricas por território nas colônias), estancieiros, charqueadores e comerciantes, com trabalhadores livres (homens de origem indígena ou mestiça, os originalmente chamados de gaúchos) num patamar intermediário, e com os escravos, que ainda eram a principal mão-de-obra nas charqueadas (ABREU, 2018).

Inicialmente, o gado não domado era caçado pelos habitantes locais para consumo da carne e comércio, principalmente, do sebo, da graxa e do couro. Com isso, os recursos das localidades se esgotavam com certa facilidade e os povos se viam numa contínua necessidade de mobilidade. Assim, se deu a necessidade da criação do gado em locais fixos e, por volta do ano de 1700, os jesuítas começaram a organizar as estâncias de criação, ampliando a produção para o consumo e o comércio. Logo, a coroa de Portugal notou o potencial da região e ampliou a distribuição de terras, aumentando a produção de carne para consumo dos habitantes locais e demais capitais (ABREU, 2018).

Com o acentuado aumento da criação de gado, a produção de charque também tomou proporções mais elevadas. A adaptação das técnicas de charque dos povos do Nordeste do Brasil e as fortes secas do final do século XVIII, nesta mesma região, favoreceram o Rio Grande do Sul como principal produtor de charque da colônia. A facilidade de transporte do charque e a necessidade de Portugal em produzi-lo para negociar com a África, principalmente na troca de escravos, além de alimentá-los, favoreceram a produção no Rio Grande do Sul (ABREU, 2018).

Mesmo com esse aumento da produção de charque, a economia gaúcha permanecia basicamente estagnada, pois a produção ainda era dispersa no território, concentrada nas mãos de poucos produtores e não havia demais setores minimamente desenvolvidos na região onde essa renda pudesse circular. Apenas a partir da segunda metade do século XIX foi que a economia do estado começou a apresentar maior crescimento, com a expansão da produção de café na região de São Paulo, que impulsionou seu crescimento e de regiões periféricas (como a região Sul do Brasil), mas principalmente com a chegada dos imigrantes europeus, que contribuiu, significativamente, para a diversificação da produção no território gaúcho (ABREU, 2018).

Imigrantes italianos e alemães, principais povos europeus que colonizaram o Rio Grande do Sul, foram fundamentais para a diversificação da produção no estado. Ambos imigraram para o território gaúcho, não para trabalhar nos latifúndios, mas sim para fazer a sua própria produção de subsistência, a partir de uma atividade que desenvolviam no seu país de origem e que, mais tarde, seria também exportada para o centro do país, principalmente para São Paulo. Primeiro, vieram os alemães por volta da década de 1840 e se situaram nas regiões mais próximas à Porto Alegre, sendo que produziam, basicamente, batata, mandioca, trigo e feijão. Segundo relatos históricos, os italianos chegaram à região do Rio Grande do Sul cerca de cinquenta anos após os alemães e se localizaram numa região onde ainda não era colonizada, a Serra gaúcha. A característica econômica desta região foi a especialização em produtos que ainda não haviam produtores ou que houvesse poucos, como a produção de videiras, uvas e derivados, grãos, como o milho, e carne suína e seus derivados (ABREU, 2018).

Nota-se no desenvolvimento histórico do Rio Grande do Sul, portanto, diferentes contextos nas regiões do estado. O Sul e a Campanha, inicialmente colonizados e com uma geografia favorável, se caracterizaram pelo agronegócio e pelos grandes latifúndios. Já a parte mais ao Norte-Nordeste, onde se encontra o COREDE Serra, caracteriza-se por um desenvolvimento mais voltado à indústria e à agricultura familiar, heranças dos colonizadores europeus, principalmente italianos e alemães.

Incorporando as teorias de desenvolvimento regional à formação histórica do Rio Grande do Sul, pode-se compreender melhor o porquê da existência desta

divergência de desenvolvimento entre as regiões do estado. O Sul, tomado pelos grandes latifúndios, nunca apresentou grandes oportunidades de investimento que pudessem favorecer um maior desenvolvimento. Além disso, a renda da região era muito concentrada e, em grande parte, não era reinvestida. Em contrapartida, com a chegada de alemães e de italianos na região da Serra, iniciou-se um ciclo de desenvolvimento, onde os pequenos agricultores favoreciam um maior movimento da economia e com um forte reinvestimento. Assim, ocorreram alguns fenômenos descritos pelos autores nas teorias de desenvolvimento regional, como a migração de fatores de produção, como capital e mão-de-obra qualificada, para a região com maior desenvolvimento. A região da Serra vai se desenvolver mais em detrimento da região Sul, mas com o passar do tempo a região mais desenvolvida não conseguirá produzir tudo o que consome e passará a demandar a produção da região menos desenvolvida. Neste caso, seriam produtos primários basicamente ligados a alimento, como grãos e carnes.

Por fim, também com o intuito de compreender as desigualdades regionais no Rio Grande do Sul, realizou-se uma pesquisa nos Anais do Encontro de Economia Gaúcha, no período de 2002 a 2018¹. O resultado foi sintetizado no Quadro 1, com as informações consideradas relevantes para este estudo.

Quadro 1 - Síntese dos estudos empíricos

| Fonte | Objetivo do Estudo | Metodologia | Resultados |
|------------------------------|--|--|--|
| Ilha, Alves e Saraiva (2002) | Discutir o contexto das desigualdades regionais no Estado; o aprofundamento das desigualdades regionais na Metade Sul; e o processo de inserção dos setores produtivos na economia gaúcha e como eles determinaram esta situação atual de desigualdades regionais. | Revisão bibliográfica e estatística descritiva. | A gradativa diminuição da desigualdade social e econômica entre as regiões do Rio Grande do Sul. |
| Reis (2004) | Discutir o perfil econômico produtivo dos COREDEs do estado; medir o tamanho da exclusão social em cada COREDE; e apontar as suas necessidades de políticas sociais, sugerindo possíveis ações. | Revisão bibliográfica, histórica e estatística descritiva. | A exclusão social era um fato que crescia no Rio Grande do Sul e no Brasil. Fato que só seria revertido com políticas públicas voltadas diretamente para a área. |

(Continua)

¹ Este evento, de âmbito estadual, é promovido e organizado pela FEE e pelo Programa de Pós-Graduação em Economia do Desenvolvimento (PPGE), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Nesta pesquisa, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “desigualdade”, “disparidade”, “diferença”, “desenvolvimento”, “socioeconômico”, “econômico” e foram identificados nove artigos a respeito do tema. Em algumas edições do evento, não foram apresentados estudos acerca desta temática.

Quadro 1 - Síntese dos estudos empíricos

(Continuação)

| Fonte | Objetivo do Estudo | Metodologia | Resultados |
|--|---|--|--|
| Silva, Marion Filho e Coronel (2006) | Discutir as desigualdades entre as regiões do Rio Grande do Sul de 1990 a 2003. | Revisão bibliográfica, histórica e estatística descritiva. | Os COREDES do Rio Grande do Sul apresentam crescimento divergente entre si, tendo sua renda e população concentradas na região metropolitana e arredores. |
| Rotta e Reis (2008) | Discutir o desenvolvimento desigual das microrregiões do Noroeste gaúcho na década de 1990. | Revisão bibliográfica e estatística descritiva. | A melhora expressiva no investimento em políticas sociais na região na década de 1990, promovendo o um desenvolvimento, não só crescimento econômico. |
| Krützmann e Massuquetti (2008) | Discutir o desenvolvimento no estado no Rio Grande do Sul a partir da formação dos COREDEs. | Revisão histórica e estatística descritiva. | A divisão do estado em COREDES auxiliou no desenvolvimento do estado, tendo em vista as disparidades dos índices pesquisados entre os mesmos. |
| Lima (2010) | Discutir a evolução econômica e social do Rio Grande do Sul e seus COREDEs entre 1999 e 2006. | Revisão bibliográfica e estatística descritiva. | As principais regiões mantiveram o seu crescimento, aliando desenvolvimento econômico e socioeconômico. |
| Sá Carvalho, Bento Carvalho e Domingues (2012) | Discutir os efeitos da implantação do Polo Naval no desenvolvimento da cidade de Rio Grande e sua região. | Revisão bibliográfica, histórica e estatística descritiva. | Esse novo implemento causará um aumento no desenvolvimento e crescimento da região, mas o efeito será muito maior se ele se relacionar com regiões de maior desenvolvimento, como Serra e região metropolitana. |
| Matte, Waquil e Neske (2014) | Discutir as transformações socioeconômicas e produtivas que ocorreram nas microrregiões Campanha Meridional e Serra do Sudeste. | Revisão bibliográfica, histórica e estatística descritiva. | A pecuária de corte tem cedido espaço para outras atividades produtivas, particularmente para as lavouras agrícolas e de silvicultura. E alguns efeitos socioeconômicos já são vistos, como aumento do preço da terra, encolhimento do bioma biodiversidade da região. |
| Plain e Massuquetti (2018) | Discutir e analisar a evolução da renda, população e emprego nas Regiões Funcionais de Planejamento do Rio Grande do Sul entre 2000 e 2015. | Revisão bibliográfica e estatística descritiva. | Há disparidade de desenvolvimento entre as regiões do estado, com uma tendência de concentração deste desenvolvimento no eixo Norte-Nordeste do estado. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com a revisão dos estudos empíricos, evidenciam as diferenças socioeconômicas presentes entre as regiões do Rio Grande do Sul. Há estudos ressaltando essa divergência histórica, que só serão combatidas com o devido investimento em políticas sociais. A própria divisão do estado em regiões menores, com características mais similares, contribui para um melhor desenvolvimento, pois, assim, consegue-se separar melhor as necessidades de cada microrregião. Grandes investimentos do setor privado, como o Polo Naval de Rio Grande, podem causar melhorias econômicas, mas para gerar um desenvolvimento completo, precisa-se de investimento em todas as regiões do estado.

3 METODOLOGIA

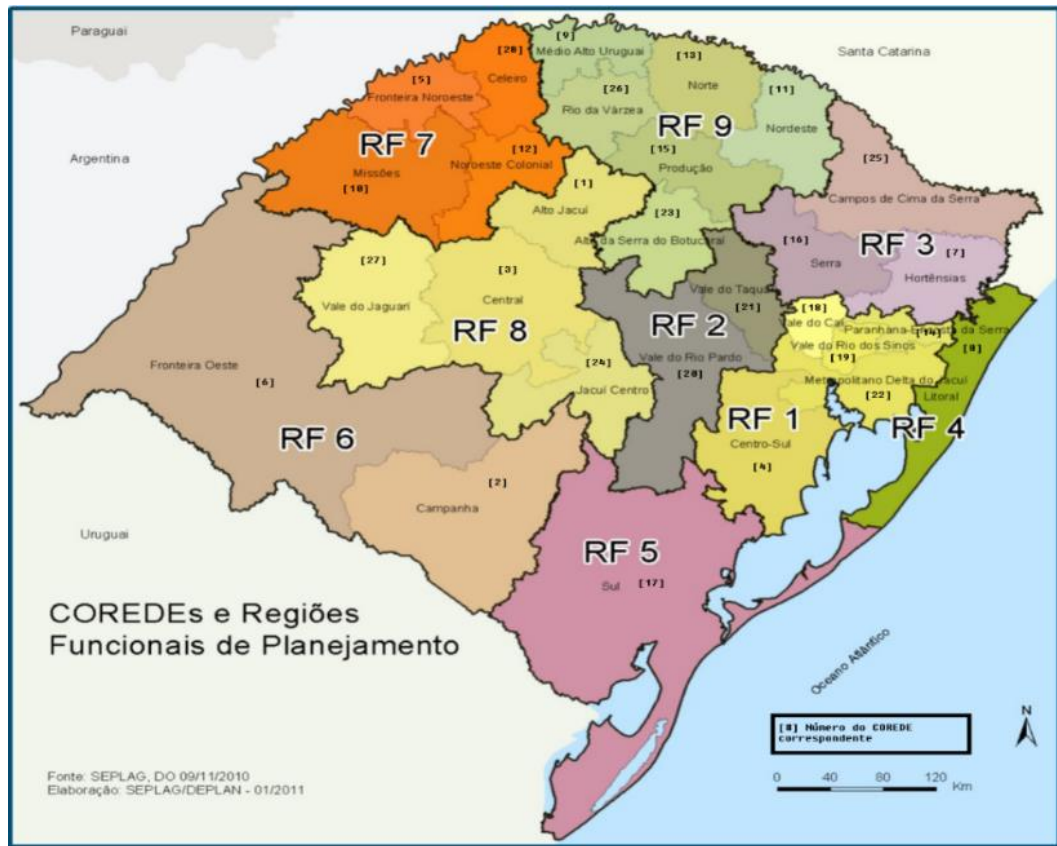
Neste capítulo, são apresentados os aspectos metodológicos que foram empregados nesta pesquisa. Inicialmente discorreu-se a respeito da divisão do estado do Rio Grande do Sul: as Regiões Funcionais de Planejamento (RFPs) e sua subdivisão, os COREDEs. Por fim, foram apresentados os índices e os indicadores empregados na análise do desenvolvimento dos COREDEs estudados.

3.1 DIVISÕES TERRITORIAIS DO ESTADO E REGIÕES DE ESTUDO

Neste trabalho, buscou-se compreender os motivos e que levaram ao desenvolvimento desigual entre as regiões do estado do Rio Grande do Sul. Para isso, a pesquisa foi feita com base nas subdivisões do estado: as RFPs e sua subdivisão, os COREDEs. Ambas agrupam os municípios pelos seus aspectos socioeconômicos e geográficos semelhantes, sendo que os COREDEs são mais específicos.

Ao todo, no estado, há nove RFPs e 28 COREDEs. Para este estudo foram selecionados os COREDEs Serra e Sul, pois representam as suas regiões no estado e são exemplos desse desenvolvimento desigual no Rio Grande do Sul. Na Figura 1, observa-se a localização dos COREDEs Serra e Sul, situados nas RFPs 3 e 5, respectivamente.

Figura 1 - RFPs e COREDEs do Rio Grande do Sul



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2019).

No Quadro 2 é apresentada uma síntese da área de estudo abordada nesta pesquisa.

Quadro 2 - Síntese da área de estudo

| Recorte geográfico | Localização | COREDEs/Municípios | Participação no PIB estadual (2014) | Participação na população estadual (2014) |
|--------------------|--|--|-------------------------------------|---|
| Rio Grande do Sul | - | 28 COREDEs | 100% R\$ 357.816.423,83 | 100% 11.207.274 habitantes |
| RFP 3 | Centro-leste do estado; cercada pela RFP1, a leste; a RFP3, a nordeste; a RFP9, ao norte; RFP8, a oeste; e a RFP5, ao sul. | Hortênsias (7), Serra (16) e Campos de Cima da Serra (25). | 13,64% R\$ 48.802.956,69 | 10,40% 1.165.895 habitantes |
| RFP 5 | Sul do estado; cercada pela RFP4, a nordeste; RFP1, RFP2, RFP8, ao norte; RFP6 a oeste. | Sul (17). | 5,57% R\$ 19.928.947,59 | 7,82% 876.208 habitantes |

(Continua)

Quadro 2 - Síntese da área de estudo

(Continuação)

| Recorte geográfico | Localização | COREDEs/Municípios | Participação no PIB estadual (2014) | Participação na população estadual (2014) |
|--------------------|---|--|-------------------------------------|---|
| COREDE Serra | Localizado a Nordeste do estado, cercado pelos COREDE's Hortênsias a leste, Campos de Cima de Serra a Nordeste, COREDE Nordeste ao Norte, Produção e Altos de Cima da Serra a Noroeste, Vale do Taquari a Oeste e Vale do Cai ao Sul. | Antônio Prado, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, Fagundes Varela, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Guabiju, Guaporé, Montauri, Monte Belo do Sul, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Pádua, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Paraí, Pinto Bandeira, Protásio Alves, Santa Tereza, São Jorge, São Marcos, São Valentim do Sul, Serafina Corrêa, União da Serra, Veranópolis, Vila Flores e Vista Alegre do Prata. | 11,34% R\$ 40.587.649,00 | 8,41% 942.465 habitantes |
| COREDE Sul | Localizado ao extremo Sul do estado, cercado pelos COREDE's Centro Sul e Litoral a Nordeste, COREDE Vale do Rio Pardo e Jacuí Centro ao Norte, Campanha a Noroeste e ao Sul a fronteira com o Uruguai. | Amaral Ferrador, Arroio do Padre, Arroio Grande, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Chuí, Herval, Jaguarão, Morro Redondo, Pedras Altas, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Santana da Boa Vista, Santa Vitória do Palmar, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Tavares e Turuçu. | 5,57% R\$ 19.928.947,59 | 7,82% 876.208 habitantes |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de FEE (2019).

Situados geograficamente em localidades opostas na área do estado, os COREDEs Serra e Sul também apresentam distinção na participação do PIB do estado, mesmo com um número de habitantes semelhante. A participação no PIB do COREDE Serra é mais que o dobro da participação do Sul.

3.2 ÍNDICES E INDICADORES SOCIOECONÔMICOS

O Idese é um indicador criado e calculado pela FEE, a fim de mensurar o nível de desenvolvimento dos municípios do Rio Grande do Sul por meio da evolução dos seus indicadores socioeconômicos. O Idese é formado por doze indicadores, compilados em três grandes grupos, educação, renda e saúde, como observa-se no Quadro 3.

Quadro 3 - Idese: blocos, sub-blocos e indicadores

| | | | | |
|--|--|--|--|---|
| Bloco Educação - Sub-blocos - Indicadores | População entre quatro e cinco anos (pré-escola) | População entre seis e 14 anos (ensino fundamental) | População entre 15 e 17 anos (ensino médio) | População com 18 anos ou mais (escolaridade adulta) |
| | Taxa de matrícula na pré-escola | Nota da Prova Brasil do 5º ano do ensino fundamental Nota da Prova Brasil do 9º ano do ensino fundamental | Taxa de matrícula no ensino médio | Percentual da população adulta com, pelo menos, o ensino fundamental completo |
| Bloco Renda - Sub-blocos - Indicadores | Renda apropriada | | Renda gerada | |
| | Renda domiciliar <i>per capita</i> média | | Produto Interno Bruto (PIB) <i>per capita</i> | |
| Bloco Saúde - Sub-blocos - Indicadores | Saúde materno-infantil | Condições gerais de saúde | | Longevidade |
| | Taxa de mortalidade de menores de cinco anos (TMM5) Número de consultas pré-natais por nascidos vivos | Taxa de mortalidade por causas evitáveis Proporção de óbito por causas mal definidas | | Taxa bruta de mortalidade padronizada (TBMP) |

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de FEE (2019).

O período investigado foi 2007 e 2015, que são os anos disponíveis – inicial e final – do índice pela FEE, e a base de dados consultada foi a FEEDados. Os níveis de desenvolvimento são: baixo: 0 a 0,499; médio: 0,500 a 0,799; e alto: 0,800 a 1,000.

Para a mensuração da renda das regiões estudadas, foram utilizados o PIB e o PIB *per capita*. O PIB mostra a renda total gerada pela região em um determinado período e o PIB *per capita* informa a média de renda por cada habitante da região no mesmo período. As informações do PIB e PIB *per capita* foram retiradas da base de dados da FEE e são referentes ao ano de 2015. O Valor Agregado Bruto (VAB), também retirado da base de dados da FEE, foi referente a 2015 e indica a participação de cada setor (agropecuário, indústria e serviços) no aumento do PIB da região.

Criado pelo matemático Conrado Gini, o índice que leva seu nome, Índice de Gini, mede o grau de concentração de renda, por exemplo, em um determinado grupo de pessoas, região ou país. O índice apresenta variação, sendo que 0 (zero) seria o ponto onde todos os indivíduos teriam a mesma renda e sendo 1 (um) quando a renda estivesse concentrada em um único indivíduo. A base de dados consultado foi o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os anos analisados foram 2000 e 2010.

O Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU), calculado pelo Observatório das Metrôpoles, mensura a condição de vida urbana e as propriedades necessárias que

possibilitam qualidades coletivas para os habitantes. Ele é obtido a partir de cinco dimensões pré-estabelecidas, que atendam aos requisitos mencionados:

- Mobilidade urbana (D1);
- Condições ambientais urbanas (D2);
- Condições habitacionais urbanas (D3);
- Condições de serviços coletivos urbanas (D4); e
- Infraestrutura urbana (D5).

Os dados foram consultados na base de dados do Observatório das Metrôpoles e estão disponíveis para o ano de 2013. O índice é medido no intervalo de 0 a 1, onde 0 (zero) seria o pior cenário de bem-estar urbano e 1 (um) seria o melhor cenário possível. Ele é dividido em três níveis: de 0 a 0,500 é considerado péssimo ou ruim; de 0,501 a 0,800 seria um nível intermediário; e de 0,801 a 1 é considerado o nível bom ou excelente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, inicialmente, é analisado, por meio do Idese, o desenvolvimento socioeconômico dos COREDEs investigados. Num segundo momento, verifica-se o PIB e o PIB *per capita* destas regiões. Por fim, analisam-se a distribuição de renda e o bem-estar urbano dos COREDEs Sul e Serra.

4.1 DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO

Na Tabela 1, apresenta-se o Idese (geral e dimensões) dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul, nos anos de 2007 e de 2015. É possível observar que a primeira região possui maior nível de desenvolvimento socioeconômico em comparação ao COREDE Sul. Em 2015, Serra apresentou alto desenvolvimento (0,81) no Idese Geral, enquanto o Sul registrou apenas médio desenvolvimento (0,68).

Analisando os municípios do COREDE Serra, no Idese Geral, com dados de 2015, Carlos Barbosa (0,87) e Nova Araçá (0,86) apresentaram o maior desenvolvimento. Nas últimas classificações, com médio desenvolvimento, estavam Pinto Bandeira (0,71), Boa Vista do Sul (0,71), Santa Tereza (0,71) e Coronel Pilar (0,71). Na dimensão Saúde, todos os municípios do COREDE possuem alto grau de desenvolvimento. Com dados de 2015, Nova Roma do Sul (0,92), Nova Araçá (0,91), Paraí (0,91) e Nova Pádua (0,91) exibiram os maiores índices. O Idese Renda possui as maiores discrepâncias entre os municípios do COREDE. Carlos Barbosa (0,92) e Nova Bassano (0,90) apresentaram os maiores níveis de desenvolvimento, enquanto Pinto Bandeira (0,57) e São Valentim do Sul (0,67) possuíam maiores dificuldades de geração e de distribuição de renda. Na dimensão Educação, os municípios de Carlos Barbosa, São Jorge, Veranópolis e Farroupilha, com dados de 2015, apresentaram os maiores resultados, com 0,81. Os índices educacionais mais baixos foram observados em Vila Flores (0,68) e em Pinto Bandeira (0,67).

Tabela 1 - Idese dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2007/2015

| Estado/COREDEs/Municípios | Idese Geral | | | Idese Renda | | | Idese Educação | | | Idese Saúde | | |
|---------------------------|-------------|-------------|------------------|-------------|-------------|------------------|----------------|-------------|------------------|-------------|-------------|------------------|
| | 2007 (A) | 2015 (B) | Varição (B-A) | 2007 (A) | 2015 (B) | Varição (B-A) | 2007 (A) | 2015 (B) | Varição (B-A) | 2007 (A) | 2015 (B) | Varição (B-A) |
| COREDE Serra | 0,75 | 0,81 | 0,06 | 0,76 | 0,80 | 0,04 | 0,63 | 0,74 | 0,11 | 0,85 | 0,88 | 0,03 |
| Antônio Prado | 0,72 | 0,80 | 0,08 | 0,67 | 0,78 | 0,11 | 0,65 | 0,74 | 0,09 | 0,85 | 0,88 | 0,03 |
| Bento Gonçalves | 0,78 | 0,83 | 0,05 | 0,75 | 0,82 | 0,07 | 0,72 | 0,77 | 0,05 | 0,86 | 0,89 | 0,03 |
| Boa Vista do Sul | 0,76 | 0,76 | 0,00 | 0,71 | 0,68 | -0,03 | 0,71 | 0,73 | 0,02 | 0,88 | 0,86 | -0,02 |
| Carlos Barbosa | 0,81 | 0,87 | 0,06 | 0,83 | 0,92 | 0,09 | 0,73 | 0,81 | 0,08 | 0,88 | 0,89 | 0,01 |
| Caxias do Sul | 0,73 | 0,80 | 0,07 | 0,79 | 0,80 | 0,01 | 0,58 | 0,72 | 0,14 | 0,83 | 0,87 | 0,04 |
| Coronel Pilar | 0,75 | 0,76 | 0,01 | 0,66 | 0,68 | 0,02 | 0,73 | 0,72 | -0,01 | 0,88 | 0,89 | 0,01 |
| Cotiporã | 0,72 | 0,79 | 0,07 | 0,61 | 0,76 | 0,15 | 0,72 | 0,74 | 0,02 | 0,84 | 0,88 | 0,04 |
| Fagundes Varela | 0,76 | 0,80 | 0,04 | 0,69 | 0,73 | 0,04 | 0,71 | 0,76 | 0,05 | 0,87 | 0,90 | 0,03 |
| Farroupilha | 0,74 | 0,82 | 0,07 | 0,71 | 0,78 | 0,06 | 0,67 | 0,81 | 0,13 | 0,85 | 0,88 | 0,03 |
| Flores da Cunha | 0,74 | 0,82 | 0,08 | 0,70 | 0,81 | 0,11 | 0,64 | 0,75 | 0,10 | 0,87 | 0,89 | 0,01 |
| Garibaldi | 0,77 | 0,83 | 0,05 | 0,78 | 0,87 | 0,08 | 0,67 | 0,77 | 0,09 | 0,86 | 0,86 | 0,00 |
| Guabiju | 0,79 | 0,82 | 0,02 | 0,71 | 0,84 | 0,12 | 0,77 | 0,74 | -0,02 | 0,90 | 0,87 | -0,02 |
| Guaporé | 0,73 | 0,79 | 0,06 | 0,63 | 0,73 | 0,10 | 0,69 | 0,74 | 0,05 | 0,87 | 0,89 | 0,02 |
| Montauri | 0,70 | 0,80 | 0,10 | 0,63 | 0,78 | 0,14 | 0,58 | 0,72 | 0,13 | 0,89 | 0,89 | 0,00 |
| Monte Belo do Sul | 0,75 | 0,82 | 0,06 | 0,75 | 0,76 | 0,01 | 0,67 | 0,80 | 0,13 | 0,84 | 0,89 | 0,05 |
| Nova Araçá | 0,82 | 0,86 | 0,03 | 0,81 | 0,88 | 0,07 | 0,79 | 0,79 | 0,00 | 0,87 | 0,91 | 0,04 |
| Nova Bassano | 0,80 | 0,85 | 0,05 | 0,82 | 0,90 | 0,08 | 0,70 | 0,75 | 0,05 | 0,89 | 0,90 | 0,01 |
| Nova Pádua | 0,75 | 0,79 | 0,04 | 0,66 | 0,68 | 0,02 | 0,69 | 0,79 | 0,10 | 0,91 | 0,91 | 0,00 |
| Nova Prata | 0,77 | 0,80 | 0,03 | 0,77 | 0,77 | 0,00 | 0,67 | 0,78 | 0,11 | 0,86 | 0,85 | -0,01 |
| Nova Roma do Sul | 0,76 | 0,83 | 0,06 | 0,69 | 0,83 | 0,14 | 0,75 | 0,72 | -0,03 | 0,84 | 0,92 | 0,07 |
| Paraí | 0,80 | 0,83 | 0,03 | 0,71 | 0,80 | 0,09 | 0,77 | 0,79 | 0,02 | 0,91 | 0,91 | 0,00 |
| Pinto Bandeira | - | 0,71 | 0,71 | - | 0,57 | 0,57 | - | 0,67 | 0,67 | - | 0,89 | 0,89 |
| Protásio Alves | 0,76 | 0,78 | 0,02 | 0,68 | 0,71 | 0,03 | 0,72 | 0,75 | 0,03 | 0,87 | 0,89 | 0,02 |
| Santa Tereza | 0,71 | 0,76 | 0,05 | 0,59 | 0,70 | 0,11 | 0,64 | 0,71 | 0,06 | 0,91 | 0,88 | -0,03 |
| São Jorge | 0,73 | 0,81 | 0,08 | 0,61 | 0,71 | 0,10 | 0,70 | 0,81 | 0,11 | 0,87 | 0,90 | 0,03 |
| São Marcos | 0,70 | 0,79 | 0,09 | 0,63 | 0,72 | 0,09 | 0,63 | 0,79 | 0,15 | 0,84 | 0,86 | 0,02 |
| São Valentim do Sul | 0,79 | 0,78 | -0,01 | 0,76 | 0,67 | -0,09 | 0,70 | 0,76 | 0,06 | 0,90 | 0,90 | 0,00 |
| Serafina Corrêa | 0,77 | 0,80 | 0,03 | 0,68 | 0,74 | 0,06 | 0,75 | 0,74 | 0,01 | 0,88 | 0,90 | 0,02 |
| União da Serra | 0,73 | 0,81 | 0,08 | 0,75 | 0,80 | 0,05 | 0,59 | 0,78 | 0,19 | 0,85 | 0,86 | 0,01 |
| Veranópolis | 0,80 | 0,84 | 0,04 | 0,76 | 0,83 | 0,07 | 0,76 | 0,81 | 0,05 | 0,88 | 0,87 | 0,01 |
| Vila Flores | 0,74 | 0,77 | 0,03 | 0,69 | 0,74 | 0,05 | 0,66 | 0,68 | 0,02 | 0,87 | 0,88 | 0,01 |
| Vista Alegre do Prata | 0,76 | 0,81 | 0,05 | 0,68 | 0,81 | 0,13 | 0,75 | 0,73 | -0,01 | 0,84 | 0,88 | 0,03 |

(Continua)

Tabela 1 - Idese dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2007/2015

(Continuação)

| Estado/COREDEs/Municípios | Idese Geral | | | Idese Renda | | | Idese Educação | | | Idese Saúde | | |
|---------------------------|--------------|--------------|-------------------|--------------|--------------|-------------------|----------------|--------------|-------------------|--------------|--------------|-------------------|
| | 2007 (A) | 2015 (B) | Variação (B-A) | 2007 (A) | 2015 (B) | Variação (B-A) | 2007 (A) | 2015 (B) | Variação (B-A) | 2007 (A) | 2015 (B) | Variação (B-A) |
| COREDE Sul | 0,63 | 0,68 | 0,05 | 0,57 | 0,65 | 0,08 | 0,58 | 0,64 | 0,08 | 0,75 | 0,76 | 0,01 |
| Amaral Ferrador | 0,55 | 0,62 | 0,07 | 0,46 | 0,50 | 0,04 | 0,42 | 0,57 | 0,15 | 0,77 | 0,80 | 0,03 |
| Arroio do Padre | 0,57 | 0,65 | 0,08 | 0,54 | 0,58 | 0,04 | 0,38 | 0,58 | 0,20 | 0,80 | 0,78 | -0,02 |
| Arroio Grande | 0,59 | 0,65 | 0,06 | 0,50 | 0,61 | 0,11 | 0,54 | 0,59 | 0,05 | 0,75 | 0,75 | 0,00 |
| Canguçu | 0,58 | 0,64 | 0,06 | 0,51 | 0,55 | 0,04 | 0,48 | 0,56 | 0,08 | 0,75 | 0,81 | 0,06 |
| Capão do Leão | 0,56 | 0,60 | 0,04 | 0,45 | 0,54 | 0,09 | 0,47 | 0,53 | 0,06 | 0,77 | 0,72 | -0,05 |
| Cerrito | 0,60 | 0,65 | 0,05 | 0,45 | 0,49 | 0,04 | 0,61 | 0,70 | 0,09 | 0,75 | 0,77 | 0,02 |
| Chuí | 0,68 | 0,71 | 0,03 | 0,50 | 0,66 | 0,16 | 0,68 | 0,62 | -0,06 | 0,85 | 0,87 | 0,02 |
| Herval | 0,56 | 0,65 | 0,09 | 0,47 | 0,60 | 0,13 | 0,47 | 0,60 | 0,13 | 0,75 | 0,76 | 0,01 |
| Jaguarão | 0,60 | 0,68 | 0,08 | 0,47 | 0,59 | 0,12 | 0,56 | 0,68 | 0,12 | 0,78 | 0,79 | 0,01 |
| Morro Redondo | 0,62 | 0,67 | 0,05 | 0,50 | 0,59 | 0,09 | 0,56 | 0,66 | 0,10 | 0,80 | 0,77 | 0,03 |
| Pedras Altas | 0,61 | 0,77 | 0,16 | 0,57 | 0,74 | 0,17 | 0,51 | 0,76 | 0,25 | 0,74 | 0,81 | 0,07 |
| Pedro Osório | 0,57 | 0,63 | 0,06 | 0,44 | 0,52 | 0,07 | 0,55 | 0,66 | 0,11 | 0,71 | 0,72 | 0,01 |
| Pelotas | 0,64 | 0,69 | 0,05 | 0,56 | 0,66 | 0,10 | 0,61 | 0,67 | 0,06 | 0,76 | 0,73 | -0,03 |
| Pinheiro Machado | 0,58 | 0,64 | 0,06 | 0,47 | 0,56 | 0,09 | 0,51 | 0,63 | 0,12 | 0,75 | 0,73 | -0,02 |
| Piratini | 0,60 | 0,64 | 0,04 | 0,48 | 0,52 | 0,04 | 0,58 | 0,61 | 0,03 | 0,73 | 0,78 | 0,05 |
| Rio Grande | 0,68 | 0,71 | 0,03 | 0,66 | 0,71 | 0,05 | 0,63 | 0,66 | 0,03 | 0,75 | 0,76 | 0,01 |
| Santana da Boa Vista | 0,56 | 0,64 | 0,08 | 0,37 | 0,49 | 0,12 | 0,56 | 0,69 | 0,13 | 0,75 | 0,75 | 0,00 |
| Santa Vitória do Palmar | 0,64 | 0,69 | 0,05 | 0,54 | 0,64 | 0,10 | 0,62 | 0,65 | 0,03 | 0,74 | 0,79 | -0,05 |
| São José do Norte | 0,53 | 0,63 | 0,10 | 0,37 | 0,56 | 0,19 | 0,43 | 0,53 | 0,10 | 0,79 | 0,80 | -0,01 |
| São Lourenço do Sul | 0,58 | 0,68 | 0,10 | 0,49 | 0,63 | 0,14 | 0,53 | 0,61 | 0,08 | 0,73 | 0,80 | 0,07 |
| Tavares | 0,57 | 0,67 | 0,10 | 0,41 | 0,50 | 0,09 | 0,52 | 0,69 | 0,17 | 0,77 | 0,80 | 0,03 |
| Turuçu | 0,60 | 0,66 | 0,06 | 0,52 | 0,58 | 0,06 | 0,44 | 0,60 | 0,15 | 0,84 | 0,80 | -0,04 |
| Rio Grande do Sul | 0,698 | 0,751 | 0,053 | 0,675 | 0,739 | 0,064 | 0,627 | 0,698 | 0,071 | 0,792 | 0,817 | 0,025 |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de FEE (2019).

Já os municípios do COREDE Sul, de acordo com o Idese Geral, com maior desenvolvimento, com dados de 2015, foram Pedras Altas (0,77), Chuí (0,71) e Rio Grande (0,71). Nas últimas classificações estavam Capão Leão (0,60) e Amaral Ferrador (0,62). Na dimensão Saúde, os municípios de Chuí (0,87) e de Tavares (0,82) exibiram alto desenvolvimento e os menores índices foram encontrados nos municípios de Capão Leão e de Pedro Osório, ambos com 0,72. A dimensão Renda foi a que apresentou os resultados mais baixos, sendo um dos principais problemas do COREDE Sul. Com dados de 2015, Pedras Altas (0,74) e Rio Grande (0,71) foram os mais desenvolvidos economicamente. Por outro lado, Cerrito (0,49), Santana da Boa Vista (0,49), Tavares (0,50) e Amaral Ribeiro (0,50) apresentaram as maiores dificuldades em geração e alocação de renda. No Idese Educação, com dados de 2015, Pedras Altas (0,76) e Cerrito (0,70) possuíam os melhores índices, enquanto Capão Leão e São José do Norte apresentaram, ambos, 0,53.

No COREDE Serra, apenas o município de São Valentim do Sul registrou queda no índice geral do Idese de 2007 a 2015. Mesmo com uma elevação na educação, uma considerável queda de 0,9 no âmbito da renda e a estagnação da saúde fizeram o município apresentar uma diminuição do índice geral. Vários municípios apresentaram resultados acima da média do estado e do COREDE. A região apresentou resultados melhores do que o Rio Grande do Sul tanto no geral quando nas suas dimensões. Ao todo, 11 municípios da Serra, 34% do total, aparecem no nível médio do Idese e 21, 66% dos municípios, aparecem no nível alto do índice geral.

O CODERE Sul obteve variação positiva em todas os municípios entre 2007 e 2015. Ele ainda apresenta o município com maior elevação no índice geral, Pedras Altas, com aumento de 0,16 no Idese, sendo o único município que estava acima da média do estado. Todos os 22 municípios desta região apresentaram nível médio no Idese Geral.

O COREDE Serra (0,81) apresentou, em 2015, além de um resultado médio maior do que o Sul (0,68), uma variação maior no período, 0,06 e 0,05, respectivamente. As dimensões educação e saúde mostraram resultados semelhantes ao índice geral. No Idese Educação, o COREDE Serra apresentou, em 2015, um índice de 0,74; com um aumento de 0,11, e o Sul um índice de 0,64, com acréscimo de 0,08. No Idese Saúde, o COREDE Serra registrou um índice de 0,88,

ampliação de 0,03, e o Sul de 0,76, aumento de 0,01. A única dimensão que não seguiu o mesmo padrão foi a renda, sendo que a Serra registrou, em 2015, 0,80, com acréscimo de 0,04, e o Sul 0,65, com aumento de 0,08. Esse resultado justificase, pois a renda do COREDE Sul era muito baixa, em 2007 (0,57). Apesar da elevação, ainda se mantém a diferença no desenvolvimento de ambos.

Como observado na análise da evolução deste índice, há acentuada discrepância entre os dois COREDEs pesquisados, sobretudo, no Idese Renda, que apresenta diferença de 0,15. Em 2015, em todas as dimensões e, conseqüentemente, no índice geral, o COREDE Serra apresentou resultados acima da média do estado, com destaque para a dimensão saúde – todos os municípios estavam acima da média do estado (0,817) – e para a educação – apenas Vila Flores (0,68) e Pinto Bandeira (0,67) estavam abaixo da média do estado (0,698).

No caso do COREDE Sul, a situação é completamente oposta, pois em todas as dimensões e no Idese Geral, o Sul teve resultado abaixo da média do estado e poucos foram os municípios do COREDE que ultrapassaram o estado. O destaque positivo ficou para Pedras Altas, que estava acima da média do estado no Idese Geral (0,77 contra 0,751), na dimensão renda (0,74 contra 0,739) e na dimensão educação (0,76 contra 0,698). Ainda na dimensão educação, também estava acima da média estadual o município de Cerrito (0,70 contra 0,698). Por fim, na dimensão saúde, apenas o município de Chuí estava acima da média do Rio Grande do Sul (0,87 contra 0,817).

A análise deste índice permite compreender a diferença no desenvolvimento socioeconômico entre as regiões do Rio Grande do Sul. Como descrito por Perroux (1977), as economias regionais vão se desenvolver por meio de polos de crescimento, sendo que uma força motriz vai impulsionar as forças movidas, como é identificado no COREDE Serra, pois grandes empresas, localizadas nos municípios mais desenvolvidos, geram renda e desenvolvimento de forma direta e indireta para toda a região. Isso remete à concepção de Myrdal (1960), pois com o maior desenvolvimento da Serra, os meios de produção das demais regiões, incluindo do COREDE Sul, migrariam para lá e, assim, diminuiriam a possibilidade de desenvolvimento do Sul.

Por fim, para Hirschman (1961), este seria o momento em que a região menos desenvolvida, neste caso, o COREDE Sul, apresentaria um maior

desenvolvimento, exportando para a região mais desenvolvida, o COREDE Serra, aquilo que ele não conseguiria produzir. Neste caso, as duas regiões deveriam ser consideradas complementares. O perfil socioeconômico de ambas, no entanto, não permitiria esta compreensão teórica na análise do desenvolvimento desigual no Rio Grande do Sul.

4.2 PIB, PIB *PER CAPITA* E VAB

Na Tabela 2, são apresentados o PIB e o PIB *per capita* em ambos os COREDES e em seus municípios. Além disso, também é apresentado o VAB, permitindo identificar os diferentes perfis econômicos entre as regiões. Ambos registraram elevada participação do setor de serviços: Serra com 47,68% e Sul com 60,08%. Por outro lado, o COREDE Sul reitera o seu perfil agropecuário (30,66%) ante uma modesta participação da indústria (9,26%), enquanto o COREDE Serra apresenta melhor distribuição entre os setores agropecuário (24,89%) e industrial (27,43%). No Rio Grande do Sul, VAB do setor agropecuário foi de apenas 9,38%, enquanto indústria participou com 23,23%. No entanto, o estado é caracterizado pela predominância do setor de serviços, com 67,40%.

A participação do COREDE Serra no PIB gaúcho é praticamente o dobro do que representa o COREDE Sul, mas como a população da Serra é muito maior, os dois tem PIBs *per capita* semelhantes. No entanto, ao observar que a economia do Sul é mais voltada para o setor agropecuário e este tende a causar uma concentração de renda, essa região terá um obstáculo a ser superado para alcançar um maior desenvolvimento. Por outro lado, no COREDE Serra, a agricultura familiar (herança dos colonizadores europeus) e uma indústria diversificada por toda a região proporcionam uma melhor distribuição da renda, contribuindo para o desenvolvimento na região.

Tabela 2 - PIB, PIB *per capita* e VAB dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2015

| Estado/COREDEs/Municípios | PIB | | | PIB <i>per capita</i> | | Valor Adicionado Bruto (%) | | | População |
|---------------------------|-------------------|------------|------------------|-----------------------|------------|----------------------------|--------------|--------------|---------------|
| | (R\$ mil) | Ranking | Participação (%) | (R\$) | Ranking | Agropecuária | Indústria | Serviços | |
| COREDE Serra | 40.587.649 | --- | 10,63 | 37414,86 | --- | 24,89 | 27,43 | 47,68 | 933768 |
| Antônio Prado | 480886 | 118 | 0,13 | 36197 | 125 | 12,72 | 31,82 | 55,46 | 13285 |
| Bento Gonçalves | 5253990 | 15 | 1,38 | 46377 | 55 | 1,64 | 36,04 | 62,33 | 113287 |
| Boa Vista do Sul | 71412 | 403 | 0,02 | 24977 | 269 | 38,49 | 19,77 | 41,73 | 2859 |
| Carlos Barbosa | 1842015 | 37 | 0,48 | 66824 | 15 | 2,89 | 52,81 | 44,30 | 27565 |
| Caxias do Sul | 20637191 | 2 | 5,40 | 43460 | 72 | 1,17 | 32,18 | 66,65 | 474853 |
| Coronel Pilar | 35333 | 492 | 0,01 | 20306 | 380 | 48,46 | 8,15 | 43,39 | 1740 |
| Cotiporã | 130993 | 282 | 0,03 | 32674 | 165 | 19,87 | 42,56 | 37,58 | 4009 |
| Fagundes Varela | 71749 | 402 | 0,02 | 26495 | 246 | 40,22 | 10,37 | 49,41 | 2708 |
| Farroupilha | 2820885 | 26 | 0,74 | 41143 | 93 | 5,36 | 34,80 | 59,83 | 68562 |
| Flores da Cunha | 1298927 | 49 | 0,34 | 44489 | 63 | 8,07 | 41,30 | 50,63 | 29196 |
| Garibaldi | 1693161 | 40 | 0,44 | 51105 | 37 | 2,58 | 45,37 | 52,06 | 33131 |
| Guabiju | 69213 | 409 | 0,02 | 42936 | 79 | 55,20 | 3,16 | 41,64 | 1612 |
| Guaporé | 744637 | 90 | 0,19 | 30382 | 191 | 7,08 | 32,04 | 60,89 | 24509 |
| Montauri | 53740 | 443 | 0,01 | 34537 | 143 | 54,56 | 8,54 | 36,90 | 1556 |
| Monte Belo do Sul | 119821 | 297 | 0,03 | 44312 | 65 | 19,79 | 43,31 | 36,90 | 2704 |
| Nova Araçá | 292732 | 161 | 0,08 | 66757 | 16 | 10,80 | 55,29 | 33,91 | 4385 |
| Nova Bassano | 667175 | 97 | 0,17 | 70391 | 12 | 13,25 | 55,83 | 30,92 | 9478 |
| Nova Pádua | 63142 | 420 | 0,02 | 24693 | 282 | 39,90 | 10,58 | 49,52 | 2557 |
| Nova Prata | 996130 | 68 | 0,26 | 39754 | 104 | 6,18 | 38,11 | 55,72 | 25057 |
| Nova Roma do Sul | 156585 | 250 | 0,04 | 43935 | 69 | 18,42 | 48,80 | 32,78 | 3564 |
| Paraí | 249424 | 175 | 0,07 | 34125 | 146 | 20,93 | 27,26 | 51,81 | 7309 |
| Pinto Bandeira | 46929 | 470 | 0,01 | 16618 | 443 | 42,04 | 9,20 | 48,75 | 2824 |
| Protásio Alves | 50516 | 457 | 0,01 | 24750 | 278 | 52,07 | 6,24 | 41,69 | 2041 |
| Santa Tereza | 36604 | 491 | 0,01 | 20552 | 372 | 39,61 | 6,84 | 53,55 | 1781 |
| São Jorge | 73629 | 396 | 0,02 | 25871 | 253 | 43,05 | 8,03 | 48,93 | 2846 |
| São Marcos | 624589 | 101 | 0,16 | 29456 | 202 | 6,62 | 30,35 | 63,03 | 21204 |
| São Valentim do Sul | 48825 | 462 | 0,01 | 21632 | 342 | 37,37 | 12,46 | 50,17 | 2257 |
| Serafina Corrêa | 577014 | 108 | 0,15 | 36487 | 124 | 11,91 | 30,44 | 57,65 | 15814 |
| União da Serra | 50150 | 458 | 0,01 | 35492 | 133 | 61,97 | 4,09 | 33,94 | 1413 |
| Veranópolis | 1134478 | 60 | 0,30 | 45956 | 57 | 3,42 | 46,35 | 50,23 | 24686 |
| Vila Flores | 145032 | 263 | 0,04 | 43125 | 76 | 18,87 | 42,10 | 39,03 | 3363 |
| Vista Alegre do Prata | 50730 | 456 | 0,01 | 31450 | 180 | 52,09 | 3,42 | 44,49 | 1613 |

(Continua)

Tabela 2 - PIB, PIB *per capita* e VAB dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2015

(Continuação)

| Estado/COREDEs/Municípios | PIB | | | PIB <i>per capita</i> | | Valor Adicionado Bruto (%) | | | População |
|---------------------------|--------------------|------------|------------------|-----------------------|------------|----------------------------|--------------|--------------|-------------------|
| | (R\$ mil) | Ranking | Participação (%) | (R\$) | Ranking | Agropecuária | Indústria | Serviços | |
| COREDE Sul | 21.096.822 | --- | 5,52 | 20.741 | --- | 30,66 | 9,26 | 60,08 | 879.621 |
| Amaral Ferrador | 86.263 | 363 | 0,02 | 12.727 | 491 | 41,97 | 3,34 | 54,68 | 6.778 |
| Arroio do Padre | 44.477 | 476 | 0,01 | 15.427 | 465 | 39,51 | 3,53 | 56,97 | 2.883 |
| Arroio Grande | 508.663 | 116 | 0,13 | 26.844 | 242 | 50,65 | 6,21 | 43,14 | 18.949 |
| Canguçu | 946.572 | 73 | 0,25 | 16.963 | 440 | 30,56 | 4,60 | 64,85 | 55.801 |
| Capão do Leão | 521.273 | 114 | 0,14 | 20.537 | 374 | 12,92 | 36,09 | 51,00 | 25.382 |
| Cerrito | 87.270 | 358 | 0,02 | 13.466 | 483 | 36,80 | 4,30 | 58,90 | 6.481 |
| Chuí | 196.323 | 210 | 0,05 | 30.830 | 189 | 11,64 | 4,74 | 83,63 | 6.368 |
| Herval | 101.264 | 327 | 0,03 | 14.518 | 475 | 35,06 | 3,54 | 61,40 | 6.975 |
| Jaguarão | 600.751 | 105 | 0,16 | 21.220 | 354 | 29,94 | 5,57 | 64,50 | 28.310 |
| Morro Redondo | 88.605 | 355 | 0,02 | 13.571 | 481 | 16,27 | 18,57 | 65,16 | 6.529 |
| Pedras Altas | 101.809 | 325 | 0,03 | 46.382 | 54 | 67,35 | 3,30 | 29,35 | 2.195 |
| Pedro Osório | 123.841 | 288 | 0,03 | 15.459 | 463 | 29,93 | 7,02 | 63,05 | 8.011 |
| Pelotas | 7.389.940 | 9 | 1,93 | 21.553 | 346 | 3,02 | 13,22 | 83,76 | 342.873 |
| Pinheiro Machado | 253.229 | 173 | 0,07 | 19.515 | 395 | 18,48 | 21,06 | 60,46 | 12.976 |
| Piratini | 319.331 | 150 | 0,08 | 15.418 | 466 | 33,83 | 4,76 | 61,41 | 20.712 |
| Rio Grande | 7.274.580 | 10 | 1,90 | 34.998 | 137 | 2,85 | 28,06 | 69,09 | 207.860 |
| Santana da Boa Vista | 166.135 | 239 | 0,04 | 19.698 | 389 | 50,93 | 3,36 | 45,71 | 8.434 |
| Santa Vitória do Palmar | 834.362 | 86 | 0,22 | 26.542 | 245 | 41,85 | 6,46 | 51,69 | 31.436 |
| São José do Norte | 351.390 | 145 | 0,09 | 13.026 | 487 | 17,45 | 8,44 | 74,11 | 26.977 |
| São Lourenço do Sul | 943.313 | 74 | 0,25 | 21.179 | 356 | 29,80 | 7,06 | 63,15 | 44.541 |
| Tavares | 74.924 | 391 | 0,02 | 13.490 | 482 | 29,62 | 6,43 | 63,95 | 5.554 |
| Turuçu | 82.508 | 374 | 0,02 | 22.944 | 317 | 44,12 | 4,15 | 51,73 | 3.596 |
| Rio Grande do Sul | 381.985.143 | - | 100,00 | 33.960,36 | - | 9,38 | 23,23 | 67,40 | 11.247.972 |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de FEE (2019).

No COREDE Serra, forças motrizes, principalmente do setor industrial, conduzem o desenvolvimento da região pelas quatro dimensões apontadas por Perroux (1977): difusão técnica de cada empresa pela região, disseminando o conhecimento do ofício; geração de novos empregos; desenvolvimento econômico (nas forças movidas), com novos investimentos devido ao otimismo na economia; e maior desenvolvimento urbano e da cidade. Neste último aspecto, o IBEU permitirá essa análise.

4.3 DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Na Tabela 3, identifica-se, entre 2000 e 2010, a evolução do Índice de Gini dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul. Verifica-se que o índice foi mais baixo e, portanto, apresentou maior distribuição de renda no COREDE Serra: 0,4597, em 2000, de 0,4243, em 2010. Já no caso do COREDE Sul, os índices foram de 0,5655 e de 0,5086, respectivamente. Isto comprova que o nível de desigualdade é menor na Serra do que no Sul. Observa-se, ainda, que ambos apresentaram redução da concentração de renda, mas a queda no Sul foi maior, mesmo apresentando maior desigualdade nesta dimensão.

No COREDE Serra, em 2000, os menores índices foram dos municípios de Fagundes Varela (0,3242), Vila Flores (0,3372) e Monte Belo do Sul (0,3954). No mesmo ano, os maiores índices foram dos municípios² de Veranópolis (0,5288), Protásio Alves (0,5326) e Nova Araçá (0,6022). Ainda no COREDE Serra, em 2010, os menores índices foram dos municípios de Nova Pádua (0,319), Vila Flores (0,3253) e Monte Belo do Sul (0,3340). No mesmo ano, os maiores índices foram dos municípios³ de Garibaldi (0,5155), Protásio Alves (0,5244) e Guabiju (0,5553).

No COREDE Sul, em 2000, os menores índices foram dos municípios de Amaral Ferrador (0,4783), Turuçu (0,4531) e Cerrito (0,4511). Também em 2000, os maiores índices foram dos municípios⁴ de Santana do Boa Vista (0,6363), Pedro Osório (0,6388) e Santa Vitória do Palmar (0,8036). Ainda neste COREDE, mas em

² Os municípios de Coronel Pilar e Pinto Bandeira não estão inclusos na contagem do Índice de Gini de 2000.

³ O município de Pinto Bandeira não está incluso na contagem do Índice de Gini de 2010.

⁴ Os municípios de Arroio do Padre e Pedras Altas não estão inclusos na contagem do Índice de Gini de 2000.

2010, os menores índices foram dos municípios de Tavares (0,4352), São José do Norte (0,4423) e Capão do Leão (0,4493). No mesmo ano, os maiores índices foram dos municípios de Santa Vitória do Palmar (0,5501), Pelotas (0,5596) e Herval (0,7019).

Tabela 3 - Índice de Gini dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2000/2010

| Estado/COREDEs/Municípios | 2000 (A) | 2010 (B) | Varição (B-A) |
|---------------------------|---------------|---------------|----------------|
| COREDE Serra | 0,4567 | 0,4243 | -0,0325 |
| Antônio Prado | 0,4927 | 0,4164 | -0,0763 |
| Bento Gonçalves | 0,4788 | 0,4532 | -0,0256 |
| Boa Vista do Sul | 0,4836 | 0,447 | -0,0366 |
| Carlos Barbosa | 0,4144 | 0,5073 | 0,0929 |
| Caxias do Sul | 0,51 | 0,4925 | -0,0175 |
| Coronel Pilar | - | 0,3748 | - |
| Cotiporã | 0,4078 | 0,3859 | -0,0219 |
| Fagundes Varela | 0,3242 | 0,3473 | 0,0231 |
| Farroupilha | 0,4756 | 0,4401 | -0,0355 |
| Flores da Cunha | 0,4567 | 0,4427 | -0,014 |
| Garibaldi | 0,4853 | 0,5115 | 0,0262 |
| Guabiju | 0,4008 | 0,5553 | 0,1545 |
| Guaporé | 0,4813 | 0,4251 | -0,0562 |
| Montauri | 0,4308 | 0,3532 | -0,0776 |
| Monte Belo do Sul | 0,3954 | 0,334 | -0,0614 |
| Nova Araçá | 0,6022 | 0,4509 | -0,1513 |
| Nova Bassano | 0,4431 | 0,3724 | -0,0707 |
| Nova Pádua | 0,4456 | 0,319 | -0,1266 |
| Nova Prata | 0,5255 | 0,4477 | -0,0778 |
| Nova Roma do Sul | 0,4174 | 0,4446 | 0,0272 |
| Paráí | 0,4455 | 0,4772 | 0,0317 |
| Protásio Alves | 0,5326 | 0,5244 | -0,0082 |
| Santa Tereza | 0,4063 | 0,396 | -0,0103 |
| São Jorge | 0,4192 | 0,3986 | -0,0206 |
| São Marcos | 0,4842 | 0,4185 | -0,0657 |
| São Valentim do Sul | 0,4764 | 0,4266 | -0,0498 |
| Serafina Corrêa | 0,4713 | 0,3668 | -0,1045 |
| União da Serra | 0,4915 | 0,3735 | -0,1180 |
| Veranópolis | 0,5288 | 0,4836 | -0,0452 |
| Vila Flores | 0,3372 | 0,3253 | -0,0119 |
| Vista Alegre do Prata | 0,438 | 0,4407 | 0,0027 |
| COREDE Sul | 0,5655 | 0,5086 | -0,0570 |
| Amaral Ferrador | 0,4783 | 0,4542 | -0,0241 |
| Arroio do Padre | - | 0,5237 | - |
| Arroio Grande | 0,6082 | 0,5088 | -0,0994 |
| Canguçu | 0,5063 | 0,5034 | -0,0029 |
| Capão do Leão | 0,4964 | 0,4493 | -0,0471 |
| Cerrito | 0,4511 | 0,4916 | 0,0405 |
| Chuí | 0,5337 | 0,4959 | -0,0378 |
| Herval | 0,5912 | 0,7019 | 0,1107 |
| Jaguarão | 0,5531 | 0,5009 | -0,0522 |
| Morro Redondo | 0,5475 | 0,5174 | -0,0301 |
| Pedras Altas | - | 0,5285 | - |
| Pedro Osório | 0,6388 | 0,5008 | -0,1380 |
| Pelotas | 0,5966 | 0,5596 | -0,0370 |
| Pinheiro Machado | 0,5588 | 0,4926 | -0,0662 |
| Piratini | 0,5684 | 0,5191 | -0,0493 |
| Rio Grande | 0,5676 | 0,5248 | -0,0428 |
| Santana da Boa Vista | 0,6363 | 0,5311 | -0,1052 |
| Santa Vitória do Palmar | 0,8036 | 0,5501 | -0,2535 |
| São José do Norte | 0,5167 | 0,4423 | -0,0744 |
| São Lourenço do Sul | 0,5259 | 0,463 | -0,0629 |
| Tavares | 0,5919 | 0,4352 | -0,1567 |
| Turuçu | 0,4531 | 0,4942 | 0,0411 |
| Rio Grande do Sul | 0,5863 | 0,5472 | -0,0391 |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de IBGE (2018).

A partir dos dados expostos, é possível identificar dissonância no nível de concentração de renda quando se analisam os COREDES Serra e Sul. Em 2000, três municípios do COREDE Serra (9,38% do total) apresentaram um Índice de Gini inferior a 0,4; 22 (68,75% do total) apresentaram um valor entre 0,4 e 0,5; quatro (12,50% do total) apresentaram um valor entre 0,5 e 0,6; três (9,38%) apresentaram valor maior do que 0,6 (caso de Nova Araçá) ou não tiveram o valor calculado. Em 2010, ainda para os municípios do COREDE Serra, 12 deles (37,50% do total) apresentaram um índice de Gini menor do que 0,4; 15 (46,88%) apresentaram um valor entre 0,4 e 0,5; cinco (15,63%) apresentaram valor maior que 0,5 ou não tiveram o valor calculado.

Em relação ao COREDE Sul, em 2000, quatro municípios (18,18% do total) apresentaram um Índice de Gini inferior a 0,5; 13 (54,55% do total) apresentaram um valor entre 0,5 e 0,6; cinco (22,73% do total) apresentaram um valor entre 0,6 e 0,7 ou não tiveram o valor calculado; um município (4,55% do total), a saber, Santa Vitória do Palmar, teve um Índice de Gini de 0,8036, valor muito alto e que revela a concentração de renda no município. Em 2010, ainda para os municípios do COREDE Sul, nove deles (40,91% do total) apresentaram um Índice de Gini entre 0,4 e 0,5; 12 (54,55%) apresentaram um valor entre 0,5 e 0,6; um município (4,55% do total), a saber, Herval, teve um Índice de Gini de 0,7019.

Pode-se notar, portanto, que os dois COREDEs caminham no mesmo sentido do estado do Rio Grande do Sul, num processo de melhor distribuição da renda. Esse fato também pode ser visto nos estudos empíricos abordados nesta pesquisa. Ilha, Alves e Saraiva (2002) já afirmavam, no início dos anos 2000, que havia uma tendência de diminuição da desigualdade e da distribuição da renda entre as regiões. Silva, Marion Filho e Coronel (2006) comentaram também que, apesar da tendência de diminuição, a renda ainda é concentrada nas áreas próximas à RMPA, como a Serra. Plain e Massuquetti (2018) também identificaram a concentração de desenvolvimento e de renda nas regiões próximas à Porto Alegre e à Serra (Norte-Nordeste do estado). Por fim, Rotta e Reis (2008) afirmaram que o investimento em políticas sociais é uma saída reduzir a diferença de desenvolvimento e de distribuição da renda entre as regiões.

4.4 BEM-ESTAR URBANO

Na Tabela 4, observa-se a distribuição do IBEU, geral e dimensões, para as cidades dos COREDEs Serra e Sul. Como nos índices/indicadores anteriores, o IBEU apresentou resultados maiores no COREDE Serra (0,798) do que no COREDE Sul (0,750). Vale destacar que ambos apresentam um número maior de cidades acima da média do COREDE. Com isso, percebe-se duas coisas: a primeira é que a maior parte das cidades de cada COREDE está em uma melhor situação quando comparada com a média de sua região; e a segunda é que as cidades que estão abaixo da média da região apresentam índices muito baixos quando comparadas às demais cidades do COREDE. Assim, há um desenvolvimento desigual entre os COREDES, mas, principalmente, dentro das próprias regiões.

Tabela 4 - IBEU dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2013

| Estado/COREDEs/Municípios | Mobilidade Urbana (D1) | Condições Ambientais Urbanas (D2) | Condições Habitacionais Urbanas (D3) | Condições de Serviço Coletivo Urbano (D4) | Infraestrutura Urbana (D5) | IBEU |
|---------------------------|------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|---|----------------------------|--------------|
| COREDE Serra | 0,983 | 0,892 | 0,945 | 0,715 | 0,656 | 0,838 |
| Antônio Prado | 0,987 | 0,759 | 0,920 | 0,893 | 0,669 | 0,846 |
| Bento Gonçalves | 0,976 | 0,865 | 0,917 | 0,794 | 0,726 | 0,856 |
| Boa Vista do Sul | 1,000 | 0,820 | 0,979 | 0,566 | 0,607 | 0,794 |
| Carlos Barbosa | 0,989 | 0,994 | 0,960 | 0,871 | 0,725 | 0,908 |
| Caxias do Sul | 0,963 | 0,912 | 0,906 | 0,912 | 0,720 | 0,882 |
| Coronel Pilar | 0,964 | 0,884 | 0,990 | 0,574 | 0,619 | 0,806 |
| Cotiporã | 0,964 | 0,876 | 0,945 | 0,569 | 0,485 | 0,768 |
| Fagundes Varela | 1,000 | 0,911 | 0,958 | 0,700 | 0,692 | 0,852 |
| Farroupilha | 0,979 | 0,943 | 0,936 | 0,737 | 0,636 | 0,846 |
| Flores da Cunha | 0,981 | 0,910 | 0,916 | 0,846 | 0,773 | 0,885 |
| Garibaldi | 0,983 | 0,915 | 0,931 | 0,765 | 0,676 | 0,854 |
| Guabiju | 1,000 | 0,764 | 0,934 | 0,603 | 0,554 | 0,771 |
| Guaporé | 0,990 | 0,959 | 0,933 | 0,832 | 0,596 | 0,862 |
| Montauri | 0,991 | 0,879 | 0,987 | 0,594 | 0,695 | 0,829 |
| Monte Belo do Sul | 0,990 | 0,797 | 0,961 | 0,593 | 0,591 | 0,786 |
| Nova Araçá | 0,997 | 0,971 | 0,955 | 0,607 | 0,668 | 0,840 |
| Nova Bassano | 0,972 | 0,984 | 0,955 | 0,692 | 0,662 | 0,853 |
| Nova Pádua | 0,987 | 0,821 | 0,965 | 0,899 | 0,560 | 0,846 |
| Nova Prata | 0,984 | 0,943 | 0,921 | 0,704 | 0,619 | 0,834 |
| Nova Roma do Sul | 0,968 | 0,840 | 0,966 | 0,810 | 0,633 | 0,844 |
| Parai | 0,986 | 0,934 | 0,945 | 0,719 | 0,665 | 0,850 |
| Protásio Alves | 0,949 | 0,937 | 0,937 | 0,647 | 0,756 | 0,845 |
| Santa Tereza | 1,000 | 0,987 | 0,933 | 0,614 | 0,656 | 0,838 |
| São Jorge | 0,977 | 0,780 | 0,962 | 0,625 | 0,737 | 0,816 |
| São Marcos | 0,978 | 0,909 | 0,929 | 0,906 | 0,753 | 0,895 |
| São Valentim do Sul | 0,974 | 0,794 | 0,946 | 0,597 | 0,364 | 0,735 |
| Serafina Corrêa | 0,980 | 0,985 | 0,944 | 0,610 | 0,746 | 0,853 |
| União da Serra | 1,000 | 1,000 | 0,959 | 0,603 | 0,699 | 0,852 |
| Veranópolis | 0,979 | 0,915 | 0,951 | 0,938 | 0,677 | 0,892 |
| Vila Flores | 0,975 | 0,805 | 0,937 | 0,606 | 0,662 | 0,797 |
| Vista Alegre do Prata | 1,000 | 0,849 | 0,911 | 0,738 | 0,726 | 0,845 |

(Continua)

Tabela 4 - IBEU dos municípios do COREDE Serra e do COREDE Sul – 2013

(Continuação)

| Estado/COREDEs/Municípios | Mobilidade Urbana (D1) | Condições Ambientais Urbanas (D2) | Condições Habitacionais Urbanas (D3) | Condições de Serviço Coletivo Urbano (D4) | Infraestrutura Urbana (D5) | IBEU |
|---------------------------|------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|---|----------------------------|--------------|
| COREDE Sul | 0,948 | 0,793 | 0,886 | 0,710 | 0,413 | 0,750 |
| Amaral Ferrador | 0,949 | 0,875 | 0,863 | 0,601 | 0,469 | 0,751 |
| Arroio do Padre | 0,967 | 0,768 | 0,889 | 0,469 | 0,223 | 0,663 |
| Arroio Grande | 0,954 | 0,816 | 0,884 | 0,764 | 0,389 | 0,761 |
| Canguçu | 0,954 | 0,817 | 0,933 | 0,903 | 0,444 | 0,810 |
| Capão do Leão | 0,939 | 0,655 | 0,842 | 0,654 | 0,211 | 0,660 |
| Cerrito | 0,936 | 0,776 | 0,845 | 0,614 | 0,428 | 0,720 |
| Chuí | 0,989 | 0,679 | 0,852 | 0,670 | 0,318 | 0,702 |
| Herval | 0,933 | 0,733 | 0,872 | 0,734 | 0,449 | 0,744 |
| Jaguarão | 0,986 | 0,818 | 0,891 | 0,782 | 0,448 | 0,785 |
| Morro Redondo | 0,935 | 0,918 | 0,926 | 0,737 | 0,490 | 0,801 |
| Pedras Altas | 0,931 | 0,771 | 0,922 | 0,728 | 0,588 | 0,788 |
| Pedro Osório | 0,948 | 0,820 | 0,908 | 0,693 | 0,480 | 0,770 |
| Pelotas | 0,954 | 0,819 | 0,885 | 0,823 | 0,516 | 0,799 |
| Pinheiro Machado | 0,949 | 0,710 | 0,907 | 0,921 | 0,380 | 0,773 |
| Piratini | 0,874 | 0,927 | 0,914 | 0,672 | 0,439 | 0,765 |
| Rio Grande | 0,919 | 0,822 | 0,869 | 0,699 | 0,461 | 0,754 |
| Santa Vitória do Palmar | 0,962 | 0,772 | 0,878 | 0,697 | 0,412 | 0,744 |
| Santana da Boa Vista | 0,975 | 0,833 | 0,909 | 0,864 | 0,382 | 0,792 |
| São José do Norte | 0,928 | 0,576 | 0,835 | 0,726 | 0,362 | 0,685 |
| São Lourenço do Sul | 0,943 | 0,872 | 0,892 | 0,685 | 0,445 | 0,767 |
| Tavares | 0,971 | 0,710 | 0,882 | 0,570 | 0,335 | 0,693 |
| Turuçu | 0,953 | 0,971 | 0,887 | 0,618 | 0,408 | 0,767 |
| Rio Grande do Sul | 0,942 | 0,850 | 0,868 | 0,728 | 0,523 | 0,782 |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de IBEU (2019).

Mesmo com algumas diferenças entre as suas cidades, o COREDE Serra mostra melhores resultados no IBEU, com destaque positivo para Carlos Barbosa (0,908) e São Marcos (0,895) e destaque negativo, mas não tão baixo, para Cotiporã (0,768) e São Valentim do Sul (0,735). A diferença entre os COREDES fica clara quando se observa que a cidade melhor colocada do COREDE Sul, Canguçu (0,810), apresenta um IBEU menor do que a média do COREDE Serra (0,838). Pode-se, ainda, destacar positivamente, no Sul, a cidade de Morro Redondo (0,801) e negativamente as cidades de Arroio do Padre (0,663) e Capão do Leão (0,660).

Em relação ao estado, o COREDE Serra, assim como com os outros índices/indicadores, aparece com o IBEU melhor do que a média do Rio Grande do Sul (0,782), enquanto o COREDE Sul apresenta um resultado abaixo da média do estado. Fica o destaque negativo para o âmbito da infraestrutura urbana, pois nenhuma das dimensões ficou com nível bom ou excelente: Rio Grande do Sul (0,523) e Serra (0,656) ficaram no nível intermediário e o Sul (0,413) ficou no nível considerado ruim ou péssimo. A infraestrutura urbana fica como alerta para o estado inteiro, pois nenhuma cidade registrou nível bom ou excelente, sendo que 264 (53%) estão no nível intermediário e 233 (47%) estão no nível ruim ou péssimo.

Nota-se que o IBEU complementa as demais análises. O maior desenvolvimento e uma melhor distribuição da renda no COREDE Serra possibilitaram à população uma melhor qualidade de vida e isso se reflete neste índice.

5 CONCLUSÕES

A partir das teorias de desenvolvimento regional abordadas, observa-se que há um processo virtuoso/vicioso no desenvolvimento de uma região. A partir de Myrdal (1960), por exemplo, na realidade dos COREDEs estudados, o Serra, por já apresentar um desenvolvimento maior, vai atrair mais e melhores meios de produção para si, remanescendo para o COREDE Sul menos meios de produção e aqueles com menor produtividade, pois não são competitivos na região mais desenvolvida. Deste modo, as duas regiões caminhariam em sentido de cada vez maior desigualdade.

Marshall (1982) já tratava das externalidades positivas oriundas das relações entre firmas em uma economia regional e que isso seria um atrativo para novos investimentos no local. Aliando isso com a ideia de Perroux (1977), onde uma força motriz de determinada região vai impulsionar as forças movidas da mesma região, e as características de formação históricas do Rio Grande do Sul, pode-se assinalar indícios do que causou as divergências de desenvolvimento nos COREDEs estudados.

Desde o período colonial, a região Sul era caracterizada basicamente por uma economia agropecuária, principalmente pela sua geografia favorável. Mas após a chegada dos imigrantes europeus, com sua agricultura familiar e especialização em diversas áreas da indústria da época (sapato, têxtil, móveis etc.), percebe-se um maior desenvolvimento da região Norte-Nordeste do estado.

De acordo com o Idese, de 2015, é possível constatar o contraste presente entre os dois COREDEs analisados. Na classificação geral do índice, o COREDE Serra alcançou 0,81, sendo que 21 dos 31 municípios apresentaram alto grau de desenvolvimento, enquanto que no Sul, que alcançou 0,68 no índice geral, não há município altamente desenvolvido. As diferenças são mais acentuadas na dimensão renda, enquanto que o COREDE Serra possui 13 municípios com alto nível de renda, o Sul ainda conta com dois municípios com o índice para essa dimensão abaixo de 0,5.

Evidencia-se que mesmo que tenha ocorrido diminuição da desigualdade ao longo do tempo, por meio do Índice de Gini, o COREDE Serra concentra melhores

indicadores socioeconômicos e mais próximos à igualdade de renda bem como à geração de renda, como demonstrado pelo PIB e pelo PIB *per capita*. Além disso, no COREDE Serra, 12 municípios atingiram um Índice de Gini abaixo de 0,4 e, no Sul, não houve municípios que alcançaram tal distribuição de renda. Muitos municípios do COREDE Serra apresentaram valores entre 0,4 e 0,5, ainda muito bom, e apenas cinco municípios da Serra ultrapassaram a faixa de 0,5 ou não tiveram o valor calculado. No Sul, no entanto, foram 14.

A partir do diálogo entre a teoria econômica e a realidade dos COREDES Serra e Sul, pode-se observar uma continuidade nos níveis de desenvolvimento dos Conselhos e a diferença entre eles. Fatores como uma maior industrialização e a agricultura familiar, presentes no Conselho Serra, influenciam para uma maior distribuição da renda e melhores índices/indicadores de desenvolvimento. Enquanto no Conselho Sul, a concentração de renda causada pelos grandes latifúndios e uma indústria voltada, basicamente, para atender às necessidades da agricultura de grande escala, causam, além de índices/indicadores de desenvolvimento menores, a falta de uma perspectiva de melhora para o futuro.

Como sugestão para futuros trabalhos, recomenda-se verificar a evolução dos índices/indicadores, principalmente após a atual crise fiscal no estado. Por fim, também é relevante o estudo acerca da implantação de polos industriais em regiões menos desenvolvidas, com pouco investimento, como os polos industriais de Triunfo e de Rio Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, J. A. F. A persistência das desigualdades regionais no RS: velhos problemas, soluções convencionais e novas formulações. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p.101-114, mar. 2006.

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL (ATLAS SOCIOECONÔMICO). **Economia**. Disponível em: <<http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/inicial>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

ABREU, L. A. **Rio Grande do Sul ontem e hoje: Uma visão histórica**, Porto Alegre, EdipucRS, 2018.

BIANCHI, A. M. Albert Hirschman na América Latina e sua trilogia sobre desenvolvimento econômico. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 131-150, ago. 2007.

CARVALHO, D.; CARVALHO, A. B.; DOMINGUES, M. V. R. Polo Naval e Desenvolvimento Regional na Metade Sul do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 6, Porto Alegre, 2012. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2012.

CAVALCANTE, L. R. M. T. Produção teórica em economia regional: uma proposta de sistematização. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 9-32, 2008.

CRUZ, B. de O. et al. **Economia regional e urbana: teorias e métodos com ênfase no Brasil**. Brasília: IPEA, 2011.

DAL PIZZOL, A. C. C.; MASSUQUETTI, A. Urbanização e Desenvolvimento: um mundo plano ou acidentado? **Revista SODEBRAS**, v. 9, n. 104, p. 74-79, ago. 2014.

FOCHEZATTO, A. Desenvolvimento regional: novas abordagens para novos paradigmas produtivos. In: CONCEIÇÃO, O. A. C. et al. (org.). **O ambiente regional**. Porto Alegre: FEE, 2010. p. 160-192.

FUJITA, M.; THISSE, J.-F. **Economics of agglomeration**: cities, industrial location, and regional growth. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. FEE. **FEEDados**. Disponível em: <<http://feedados.fee.tche.br/feedados/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

HIRSCHMAN, A. O. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

ILHA, A. S.; ALVES, F. D.; SARAIVA, L. H. B. Desigualdades Regionais no Rio Grande do Sul: O caso da Metade Sul. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 1, Porto Alegre, 2002. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Índice De Gini Da Renda Domiciliar Per Capita - Rio Grande Do Sul**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ibge/censo/cnv/ginirs.def>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

KRUGMAN, P. **Development, geography and economic theory** (The Ohlin Lectures; 6). Massachusetts: MIT Press, 1998.

KRÜTZMANN, V.; MASSUQUETTI, A. A formação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Sul e Uma Análise do Padrão de Vida da População dos COREDES no período 2000-2004. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 4, Porto Alegre, 2008. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2008.

LIMA, A. E. M. O Rio Grande do Sul e Suas Regiões – 1999/2006. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 5, Porto Alegre, 2010. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2010.

MARSHALL, A. **Princípios de Economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MATTE, A.; WAQUIL, P. D.; NESKE, M. Z. Dinâmicas Socioeconômicas e Produtivas das Microrregiões Campanha Meridional e Serra do Sudeste – RS. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 7, Porto Alegre, 2014. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2014.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1960.

PERROUX, F. O conceito de polo de desenvolvimento. In: SCHWARTZMAN, J. (org.). **economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977. p. 145-156.

PLAIN, R. M.; MASSUQUETTI, A. As Disparidades Entre as Regiões Funcionais de Planejamento no Estado do Rio Grande do Sul (2000/2018). In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 9, Porto Alegre, 2016. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2016.

REIS, C. N. Exclusão social e atividade produtiva: a dinâmica socioeconômica dos Coredes do Estado do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 2, Porto Alegre, 2004. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2004.

RIBEIRO, L. C. Q.; RIBEIRO M. G. **IBEU – Índice de Bem-Estar Urbano**, 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

ROTA, E.; REIS, C. N. Desenvolvimento Diferenciado no Norte Gaúcho. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 4, Porto Alegre, 2008. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2008.

SILVA, M. A.; FILHO, P. J. M.; CORONEL, D. A. A Origem e a Evolução Recente das Desigualdades Regionais Entre COREDES (1990 – 2003). In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 3, Porto Alegre, 2006. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS/FEE, 2006.

SOUZA, N. J. Economia Regional: conceito e fundamentos teóricos. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, ano XVI, v. 11, n. 32, p. 67-102, 1981.

TARGA, L. R. P. A formação social e territorial sul-rio-grandense na longa duração e a identidade regional. In: CONCEIÇÃO, O. A. C. et al. (org.). **O ambiente regional**. Porto Alegre: FEE, 2010. p. 48-90.

WEBER, A. **Theory of location of industries**. 2nd ed. Chicago: University of Chicago Press, 1957.